Dossiê: Propostas e Ações decoloniais com Educação Matemática
2024, Volume 6, e2024018
Páginas 1–18
10.33532/revemop.e2024018

revemop
ISSN 2596-0245

No Fundo do Mato-Virgem: Macunaíma como uma metáfora por uma educação matemática decolonial

Deep in the Mato-Virgem: Macunaíma as a metaphor for a decolonial mathematics education

En el fondo de Mato-Virgen: Macunaíma como metáfora de una educación matemática decolonial

Ulisses Dias da Silva[1]
Samantha Floriano Silva[2]

Resumo

Macunaíma, o herói sem caráter de Mário de Andrade, é ressignificado neste texto como o ponto de partida de uma discussão sobre a Educação Matemática do ponto de vista decolonial. Nossa proposta é entender a matemática hegemônica e sua relação com a colonialidade a partir de duas palavras: sagrado e terreno. Elas, enquanto metáforas, são utilizadas para discutir a essência de como se ensina matemática na escola e na universidade. A partir dessa problematização inicial, propomos formas de pensar alternativas, embasadas não só nas referências da decolonialidade, mas na literatura e na música. Trabalhamos, então, outras metáforas que podem servir para refundar a matemática escolar e a formação de professores em um novo paradigma, que supere a dicotomização, o amálgama com o pensamento hegemônico ocidental e uma avaliação que segregue.
Palavras-chave: Raça e Educação Matemática. Matemática Decolonial. Literatura e Educação. Macunaíma.

Abstract

Macunaíma, Mário de Andrade's impudent hero, is re-signified in this text as the starting point of a discussion about mathematics education from a decolonial point of view. We propose to gather hegemonic mathematics and its relationship with coloniality based on two words: sacred and terrene. They, as metaphors, are used to discuss the essence of how to teach mathematics at school and university. From this initial problematization, we propose alternative ways of thinking based not only on references to decoloniality but also on literature and music. We then work on other metaphors that can be useful to restructure school mathematics and teacher training in a new paradigm, which overcomes dichotomization, the amalgamation with Western hegemonic thinking, and an assessment that segregates.
Keywords: Race and mathematics education. Decolonial mathematics. Literature and education. Macunaíma.

Resumen

Macunaíma, el héroe sin carácter de Mário de Andrade, es resignificado en este texto como punto de partida de una discusión sobre la Educación Matemática desde una perspectiva decolonial. Nuestra propuesta es comprender la matemática hegemónica y su relación con la colonialidade a partir de dos palabras: sagrada y terrenal. Ellos, como metáforas, se utilizan para discutir la esencia de cómo se enseñan las matemáticas en la escuela y la universidad. A partir de esta problematización inicial, proponemos formas alternativas de pensar, basadas no sólo en referencias a la descolonialidad, sino también a la literatura y la música. Luego trabajamos en otras metáforas que pueden servir para refundar la matemática escolar y la formación docente en un nuevo paradigma, que supere la dicotomización, la amalgama con el pensamiento hegemónico occidental y una evaluación que segrega.
Palabras clave: Educación Racial y Matemática. Matemática decolonial. Literatura y Educación. Macunaíma.

1 Doutorado em Ensino de Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro/RJ, Brasil. E-mail: ulissesdias@yahoo.com.br.
2 Especialização em Educação Básica pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: samanthaflorianosilva@gmail.com.

CC BY NC SA
OPEN ACCESS

1. Saudação aos ancestrais

> No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do negro da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança que chamaram de Macunaíma (ANDRADE, 2022)

Uma boa história é um acontecimento, uma janela de oportunidade para um encontro coletivo. É o passado e o presente se fundindo, remexendo o tempo, e a vida, experiência coletiva, vai se tornando um fardo mais suportável. Chegamos aqui, nós e tu, repletos de histórias. Mas toda história que se conta é uma escolha. Tragamos então o riso para farrear conosco. A vida é uma festa. A quem interessa um texto sisudo, retilíneo, organizado, obediente, limpo e isento de contradições? Esta experiência asséptica, inócua, insípida, mata todos os micróbios purulentos que transformam a morte em re-vida, re-torno, reencarnação. Não é possível ter nada de novo na repetição. Precisamos de mofo, bactérias, vírus, insetos, vermes, sangue e sujeira. Precisamos de vida, barulho, algazarra, compartilhamento, da coragem de construir o novo. Tragamos para esta festa os nossos ancestrais, seus tambores, danças, cantos e sabedorias. Saudemos as matriarcas, os espíritos das matas, os pajés e suas rezas, ervas e lutas. Pela eternidade, entoemos o canto, cantemos:

> Ninguém ouviu um soluçar de dor no canto do Brasil. Um lamento triste sempre ecoou desde que o índio guerreiro foi pro cativeiro e de lá cantou. Negro entoou um canto de revolta pelos ares do Quilombo dos Palmares onde se refugiou. Fora a luta dos inconfidentes pela quebra das correntes, nada adiantou. E de guerra em paz, de paz em guerra, todo o povo dessa terra quando pode cantar, canta de dor (DUARTE; PINHEIRO, 1978)

No meio do caldo multicultural miscigenado da brasilidade, nas entrelinhas improváveis da literatura, ergue-se um herói de desventuras, o herói de nossa gente, *Macunaíma*, *um herói sem caráter*. Andrade (2022) inova na forma e no conteúdo, fazendo um quebra-cabeças (ou seria um Tangram?) de histórias e lendas indígenas num encadear de absurdos que liga o Mato-Virgem à São Paulo dos anos 20 na busca do muiraquitã, presente de amor. Histórias roubadas da tradição oral afro-ameríndia que adquirem camadas, significados, pulsam uma brasilidade que era enxovalhada até então, mas que Andrade traz para o centro da narrativa. Macunaíma, o inverso oposto[3] da índia Iracema de José de Alencar (2006), é terreno de troça, piada, brincadeira, do jogo, da esperteza e da invenção.

Quase um século se passou desde o lançamento de Macunaíma. O verbo *roubar* no parágrafo anterior deve ter causado emoções no leitor mais atento. Alguém mais disciplinado poderia argumentar pelo uso de outras palavras como *assimilar*, *recontextualizar*, se *inspirar*, ou a mais cretina delas: se *apropriar*. Todas essas opções objetivam manter Mário de Andrade como membro seleto de um grupo que detém o privilégio de silenciar certos incômodos em nome de algo que se define como arte ou, mais especificamente, *rapsódia*. Grupo este em que os homens brancos e sudestinos são super-representados[4]. Que seja roubo não só por reescrever mitos de criação da

3 Quando dizemos isso, estamos evidenciando que o movimento indianista na literatura brasileira, do qual Alencar (2006) é o principal representante, aprofundou estereótipos sobre a formação do Brasil. Iracema (anagrama da palavra América) é uma índia apaixonada por um europeu (Martim, que representa o deus Marte), a quem se submete e sacrifica por amor. Considerando esse enredo, Macunaíma, com todas as suas críticas, é um grande avanço.

4 Muito embora, no caso específico de Mário de Andrade, sua branquitude (e sua sexualidade) tenham sido alvo de contestação, como pode ser esmiuçado em Couto e Carvalho (1993) ou de maneira mais aprofundada em Camargo (2018).

tradição oral afro-ameríndia, mas também por transformar esta construção coletiva em elemento para ganho comercial e reafirmação de estereótipos da população preta e indígena: preguiça, indolência, esperteza, animalidade. Mário de Andrade, mesmo que provavelmente munido das melhores intenções acabou por criar uma obra que reafirma os princípios coloniais.

Não nos entenda mal. Nós, autores deste artigo, amamos Macunaíma[5]. Amamos que ele seja a revolta, a crítica, o absurdo e a contradição. Se Mário de Andrade quis mantê-lo circunscrito às páginas de um romance, Macunaíma logrou escapar e adquirir vida própria. O antropofágico foi comido, digerido e cagado, virou fudum, sombra e escafedeu-se[6].

E se Macunaíma escrevesse suas façanhas por si mesmo? Quais seriam as palavras em que ele se descreveria? Seriam mais reais ou mais inventadas as histórias em que ele escolheria? A literatura é o reino máximo da suposição e onde se utiliza palavras para contar uma história, aí existe literatura. Fiquemos com isto por enquanto.

O que Macunaíma tem a ver com decolonialidade e educação matemática? Se esta pergunta ainda não está em sua cabeça, plantemo-la agora. E que fique aí, por enquanto. Não tenha pressa. Chegaremos lá. Juramos juradinho.

2. Piaimã, o gigante comedor de gente

Até aqui podemos ter deixado você um pouco sem direção. Nosso objetivo confesso é chacoalhar um pouco as coisas com esse texto. Vamos fazer isso por meio de interpelações, inclusive questionando os limites entre o que é acadêmico e o que é literário. Nós não acreditamos que essas barreiras existam. A estrutura que vamos utilizar nesse artigo não segue os padrões tradicionais de apresentação de pesquisa acadêmica. Inclusive, estamos aqui falando com você que nos lê, diretamente, sem intermediários, olhando nos seus olhos, para que você perceba nos nossos olhos a verdade por trás de nossas intenções. A lente teórica decolonial ajudará a dar suporte às impertinências que faremos ao longo desse texto. Faremos provocações, ironias, utilizaremos metáforas (tem várias aqui nesse parágrafo já) e vamos causar alguns incômodos. Será uma honra termos a sua companhia. Chega de explicações: sigamos.

As palavras são um campo aberto de batalha. Isto está tanto no vocabulário, quanto na gramática; na validação e no apagamento; no conteúdo e na didática. O poder da colonialidade impõe-se pelas hegemonias que se configuram em vários aspectos, como o saber, o ser, o poder, o gênero, conforme explicitado em autores como Quijano (2005), Mignolo (2003), Lugones (2014) e

5 Inclusive, não só nós. No processo de pesquisa para este artigo, nos surpreendemos com um texto clássico (LINS, 2011) de Rômulo Lins (1955-2017) em que Macunaíma é o ponto de partida para um maravilhoso ensaio sobre o papel da literatura na Educação Matemática. Embora nossa argumentação vá para um rumo diferente e tenha iniciado de modo completamente independente, não podemos nos furtar de explicitar esta feliz coincidência e deixar aqui nossa homenagem ao autor que deixou um legado inestimável para a Educação Matemática no Brasil.

6 Esperamos que a nossa linguagem não te cause um choque. Há um motivo para isso. O movimento antropofágico, do qual Mario de Andrade faz parte, foi uma expressão da primeira fase do modernismo brasileiro. A ideia do movimento surgiu quando Tarsila do Amaral pintou a obra Abaporu, que inspirou seu marido, Oswald de Andrade a escrever o Manifesto Antropofágico. A linguagem que utilizamos nessa parte é uma dança com a irreverência de Macunaíma, mas também é uma provocação. Dizer que o antropofágico, *o canibal*, foi comido e depois escafedeu-se é, literalmente, dizer que o personagem Macunaíma não cabe nos limites do romance de Mário de Andrade e tem poder de andar com as próprias pernas, tanto é que o estamos invocando nessa primeira parte.

Mcclintock (2010). Agir de forma contra-hegemônica, desafiar uma estrutura secular, consolidada, global, homicida, ecocida e etnocida exige uma atitude de tangência, de volteio, de esquiva, de deboche, de fresta, de escárnio.

> Em outros escritos em que traduzi os saberes ancestrais de nossa geração avó da oralidade para a escrita, trouxemos algumas denominações que as pessoas na academia chamam de conceitos. A partir daí, seguimos na prática das denominações dos modos e das falas, para contrariar o colonialismo. É o que chamamos de guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las (BISPO, 2023, p. 13).

Esvaziar as palavras determinantes da colonialidade de seus sentidos hegemônicos (e frequentemente mentirosos) e impor novas formas de se comunicar (ou o reconhecimento de gramáticas tradicionais que são fruto de apagamento) exige ação, reação, originalidade e coragem. Exige articulação, recriação, dança, requinte, beleza e ousadia.

Ao longo das próximas seções, nós iremos problematizar duas palavras: *sagrado e terreno*. Nosso objetivo é mostrar como essas palavras são fundamentais na consolidação de formas hegemônicas de ensinar matemática na escola básica e na universidade, neste caso, tanto na formação de professores de matemática quanto na de profissionais que utilizam e criam matemática em seu trabalho. Queremos, com isso, propor um esvaziamento de seus significados hegemônicos e uma ressignificação das formas de se ensinar e produzir matemática em diversos contextos, com base nos princípios da decolonialidade e faremos isso com a ajuda de nosso amigo Macunaíma.

Antes disso, é preciso conceituar e criticar o termo hegemonia. Gramsci utiliza este termo para entender como a revolução socialista aconteceu na Rússia e não nos países de capitalismo mais avançado. Para ele, a sociedade civil controla a classe política e, portanto, para uma transformação social qualitativa, é preciso controlar a sociedade civil. Estes elementos são representativos de como a colonialidade opera. De fato,

> Gramsci afirma que é muito comum um determinado grupo social, que está numa situação de subordinação com relação a outro grupo, adotar a concepção do mundo deste, mesmo que ela esteja em contradição com a sua atividade prática. Ademais, ele ressalta que esta concepção do mundo imposta mecanicamente pelo ambiente exterior é desprovida de consciência crítica e coerência, é desagregada e ocasional. Dessa adoção acrítica de uma concepção do mundo de outro grupo social, resulta um contraste entre o pensar e o agir e a coexistência de duas concepções do mundo, que se manifestam nas palavras e na ação efetiva (ALVES, 2010, p. 74).

Para a suplantação do grupo que ocupa o poder capitalista, Gramsci propõe que sejam ocupados espaços na cultura, na intelectualidade, nas instâncias políticas populares, para a criação de um novo bloco histórico. Gramsci não deseja, portanto, a superação da hegemonia enquanto conceito, mas a criação de condições para a emergência de uma nova hegemonia socialista.

Neste ponto, nós precisamos desviar um pouco de Gramsci. Piaimã, o gigante comedor de gente, se apresenta para a *paulicéia desvairada*[7] como o rico e poderoso Venceslau Pietro Pietra, dono de uma mansão e proeminente membro da aristocracia local. Macunaíma se antagoniza com

7 Aqui, a referência é a outro livro clássico de Andrade (2019), em que a cidade de São Paulo, a *paulicéia desvairada*, passa a ser o personagem principal.

ele, mas não tem como objetivo destruir a sociedade paulistana ou impor domínio imperial sobre a cidade: deseja apenas recuperar o muiraquitã, lembrança de Ci, a mãe do mato, se divertir e voltar a seus domínios. Macunaíma não é seduzido pelas máquinas, pelas luzes e pelas cores e permanece em São Paulo apenas o tempo necessário para ter de volta o amuleto sagrado. Seu poder como imperador da mata virgem não vem da força, da coerção, mas do reconhecimento de sua autoridade por meio do amor com Ci.

A contra-hegemonia (e a decolonialidade) que defendemos não têm a ver com a tomada do poder ou a suplantação de formas de pensamento. Estas são exatamente as armas do colonizador. A hegemonia impõe um mundo mono: monoteísmo, monopólio, monocultura, monotonia. Nossa tarefa é questionar a validade dessas instâncias *monolíticas* e propor modos alternativos de ser e estar no mundo. Entendemos que as formas que se produz e se ensina matemática são meios para isso.

Quando utilizarmos o termo *matemática hegemônica* neste artigo, queremos nos referir às práticas culturais matemáticas que são representativas da cultura dominante: capitalista, colonial, ocidental etc. Nossa proposta é a superação de formas de pensar hegemônicas no contexto da sala de aula (e da formação de professores) para a emergência de práticas pedagógicas que se baseiam na diversidade, na heterogeneidade e no fazer matemático escolar amparado em um caldo cultural complexo e diverso, como são as escolas e universidades do Brasil.

3. Ressacralização: um novo sentido para o sagrado

A hegemonia cultural definida pelo empreendimento da colonialidade impõe formas de ser, estar, saber, dentre outras[8]. Na questão do *sagrado*, ela vai além do campo óbvio (a religião) e introjeta hierarquias de saberes, valores e crenças. Tais hierarquias ocorrem, dentre outros espaços, no campo no discurso, com a imposição de adjetivos como *erudito, superior, avançado* e *puro,* sempre acompanhando instâncias que possuem valor social mais alto no grupo hegemônico. A música *erudita*, o ensino *superior*, o pensamento *avançado* e, especificamente no nosso caso, a matemática *pura* são exemplos em que a imposição de uma hierarquia no discurso favorece formas de pensar e saberes colonialistas hegemônicos.

Sendo assim, o sentido de sagrado que discutiremos a seguir é mais amplo do que uma crítica ao monoteísmo judaico-cristão. Iremos discutir o sagrado por um outro viés. Retomando a ideia da seção anterior, nossa abordagem é baseada na gramática, nos prefixos e sufixos (mono, uni, arqui, oni) e na imposição da superioridade de instâncias a partir da linguagem porque um deus *oni*presente, *oni*potente e *oni*sciente de uma crença *mono*teísta é fundamental na *arqui*tetura da imposição de um domínio *uni*versal dos seres, saberes e espaços do mundo.

A sacralização, segundo entendemos, ocorre na interdição discursiva sobre certas instâncias, impondo elementos fundantes da organização do mundo que não podem sequer ser questionados, pois são *sagrados* elementos de identidade. O sagrado irá impor dicotomias inegociáveis: céu/inferno; nós/eles; bom/mau; certo/errado; justo/injusto; santo/pecador; ordem/anarquia; normal/

8 Neste artigo, optamos por não nos aprofundar em referenciais clássicos da decolonialidade que evidenciam estas e outras colonialidades, como Quijano (2005), Mignolo (2003) e as autoras Lugones (2014) e McClintock (2010). Nosso objetivo é trazer formas de pensar alternativas, em uma atitude de questionamento, inclusive dos cânones decoloniais.

degenerado. Essas dicotomias baseiam-se na superioridade moral de uma classe *iluminada, sábia, letrada* que se invoca o poder de criar padrões sobre essas questões. Qual é o campo perfeito da dicotomia? A Matemática Hegemônica.

O princípio do terceiro excluído não é uma ideia óbvia, até porque boa parte dos conflitos, dilemas e contradições da vida têm mais do que duas respostas. Quando têm exatamente duas respostas, elas podem ou não ser mutuamente excludentes, podem ou não ser igualmente importantes, podem ou não ser matematizadas. Aprender desde cedo que existe uma resposta única e ela é certa (como fazemos quando ensinamos a matemática tradicionalmente na escola), em um mundo que boa parte dos conflitos são decididos com base em uma moral hierarquizada, é utilizar um conceito para impor a disciplina das mentes e corpos que se rebelam contra formas de pensar hegemônicas.

A sacralização da Matemática Hegemônica não para por aí. A *Rainha das Ciências* é apresentada (na escola, na universidade, nas mídias) como o campo da perfeição, da beleza, da sofisticação, da exatidão. A Matemática Hegemônica é tida como objetiva, impessoal, acima dos dilemas éticos humanos. Será que Hipaso de Metaponto, Evariste Galois e Hipátia[9], matemáticos que sofreram martírio por questões políticas ou filosóficas, concordariam com isso?

Perante a *excelentíssima*, *sacratíssima*, *nobilíssima* matemática erudita, curvamos nossas cabeças e nos reduzimos à insignificância do nosso pequeno ser. Porém, ela é feita de histórias humanas, costuras e remendos de ideias e ideais, de sonhos partidos ou realizados a cabo. Algo de muito familiar: tem cheiro de sangue e suor, coisas corpóreas, não sagradas. Sendo apresentada como um ente de beleza incomparável que habita o universo do imaginário e da abstração, a matemática hegemônica se distancia do cotidiano, mundano, perecível, tátil, e entra em um outro mundo: ideal, perfeito, sagrado.

Instiga-se a reflexão de onde a ciência de nome feminino por definição: a matemática, habita. Criada ou descoberta, confunde nossa percepção que não compreende qual lugar nessa perspectiva. Isto é um propósito em si mesmo: desumanizar, idealizar, afastar do mundo sensível, complexo e multifatorial e impor uma lógica, uma estrutura, uma forma de ver o mundo e uma gramática. Para entender isto, precisaremos dar um mergulho nas raízes da Matemática Hegemônica (ou pelo menos da *história* que ela conta sobre si mesma).

A tradição desta matemática costuma ser descrita com início na Grécia, em particular nas figuras de Tales de Mileto e Pitágoras de Samos. Especialmente a este último é creditada a criação de uma *seita*[10] que após a sua morte, se espalhou pelo mundo helenístico. É visível sua influência sobre Platão, que se encontrou com discípulos de Pitágoras em Crotona, na atual Itália. Sua filosofia é baseada na hierarquização das formas de pensamento, em que o mundo das ideias é superior ao mundo dos sentidos.

9 Acredita-se que Hipaso foi assassinado por descobrir a irracionalidade de raiz de dois; Hipátia foi brutalmente executada em Alexandria por se opor aos interesses dos cristãos; Galois teve sua carreira atrapalhada por suas associações diretas ou indiretas ao movimento republicano francês. Poderíamos dar vários outros exemplos, inclusive no contexto da matemática da América Latina.

10 Do ponto de vista prático, o pitagorismo era um grupo que professava doutrina, ideologia e um sistema filosófico e político alternativo, com uma doutrina e culto a uma figura central. Deste modo, o termo *seita* é mais que adequado.

Há duas considerações que desejamos fazer sobre isso: uma de caráter político e outra de caráter teológico. Ambas se intersectarão em nosso argumento. Platonismo e Pitagorismo são ideias políticas convenientes aos donos do poder de outrora e de agora. De fato, existirem formas de pensar ditas *superiores* e, mais especificamente, *homens* que poderiam se dedicar profissionalmente ao seu desenvolvimento (sendo, portanto, *homens de uma casta superior, a dos filósofos e matemáticos*) se coaduna com uma sociedade estratificada, hierarquizada e desigual. Tanto o platonismo quanto o pitagorismo impõem visões de mundo ascéticas, de controle das paixões e dos desejos, da temperança, em busca de uma *pureza* espiritual.

Já do ponto de vista teológico, o platonismo e o pitagorismo se aproximam do ideal apolíneo. Apolo, na mitologia grega, é o deus da Razão, da Beleza, da Justiça, da Lei, da Ordem e é o contraponto a Dionísio, deus do Caos, da Ebriedade e da Loucura. Qual dessas tradições é usualmente associada à Matemática Hegemônica? As tensões entre o apolíneo e o dionisíaco, aprofundadas por Nietzsche na sua análise da tragédia grega (NIETZSCHE, 2000) são o ponto de partida para discursar a insuficiência da filosofia socrática (e consequentemente platônica, por genealogia) para entender a essência da vida. Acreditamos que a Matemática Hegemônica padece do mesmo mal.

A contraposição dos ideais de Deus *e o Diabo* da tradição judaico-cristã se alimenta de muitos - e convenientes - aspectos da tensão Apolo-Dionísio. O que é o paraíso? É o lugar da paz, da tranquilidade, da perfeição, do amor, da virtude, da vida eterna, enquanto o inferno é o lugar do pecado, da degradação, do grotesco, do sofrimento eterno. Quando expomos a sacralização da Matemática Hegemônica, nosso intuito é explicitar o afastamento do mundo sensível e real e, portanto, da substancialidade da vida dos alunos. Se concebida pelo humano, a Matemática então permanece no campo dos mortais, onde são passíveis de erros, acertos, percalços e recomeços. Onde o homem figura um personagem ativo em sua construção e manutenção: “ao espetáculo dos fenômenos mais interessantes, mais espantosos, o homem vai naturalmente com todos os seus desejos, com todas as suas paixões, com toda a alma. Não é pois de admirar que o primeiro conhecimento objetivo seja um primeiro erro” (BACHELARD, 1996, p.68).

Uma matemática contra-hegemônica seria então uma matemática dionisíaca? Não. Nosso argumento não passa pela profanação ou *dessacralização*. Nosso ponto é a ressacralização da matemática com outra radicalidade, outra raiz histórica e outro mito formativo. O pitagorismo em si é um roubo de uma tradição matemática muito mais antiga, prática e popular, dos povos egípcios e fenícios que foi embebido em um caldo cultural que inventou o Ocidente, em primeiro lugar e, consequentemente, influenciou as raízes filosóficas da colonialidade. O roubo é a profanação original, quando esconde as raízes práticas e mundanas da matemática e impõe a narrativa de que a racionalidade, a lógica, um certo pensamento superior que criam a *verdadeira* matemática. Isto é corroborado por Diop, segundo o qual:

> Matemática pitagórica, a teoria dos quatro elementos de Thales de Mileto, materialismo epicuriano, idealismo platônico, judaísmo, islamismo e a ciência moderna estão enraizados na cosmogonia das ciências egípcias. Só temos que meditar sobre Osíris, o deus-redentor, que se sacrifica, morre e é ressuscitado, uma figura essencialmente identificável a Cristo (DIOP, 1974 apud NASCIMENTO, 2022, p. 275)

A quem interessa esconder as raízes africanas das ciências e filosofias do ocidente? A quem interessa esconder a racialidade dos povos egípcios e seu protagonismo para inventar uma história de criação da Matemática e da Filosofia centralizadas nas figuras de Pitágoras e Platão?

Sagrada não é só a tradição religiosa que se funde no deus judaico-cristão. Sagradas, no nosso contexto, são ideias que se impõem como axiomas fundantes. Não se discute o dinheiro como troca desigual pelo tempo de trabalho. Não se discute a propriedade privada. Não se discutem a desigualdade e a escassez. Não se discute o direito à herança (dos privilégios e das impossibilidades). Não se discutem as noções abstratas da Pátria. Perceba que esses sagrados se retro equilibram. Sem qualquer um deles (por exemplo, o dinheiro), os outros se enfraquecem a ponto de todo o edifício colonial-capitalista-liberal ruir. Eis porque são sagrados. Esta análise é corroborada por Benjamin (2013), segundo o qual

> O capitalismo deve ser visto como uma religião, isto é, o capitalismo está essencialmente a serviço das mesmas preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer resposta. [...] o capitalismo é uma religião puramente cultural, talvez até a mais extremada que já existiu. Nele, todas as coisas só adquirem significado na relação imediata com o culto; ele não possui nenhuma dogmática, nenhuma teologia. [...] O capitalismo é a celebração de um culto *sans trêve et sans merci* [sem trégua e sem misericórdia] (BENJAMIN, 2013, p. 21-22).

Antônio Bispo dos Santos, em *A terra dá, a terra quer,* decreta a diferença entre o desejo de ser necessário e o desejo de ser importante. O autor as define segundo suas vivências. Em seu ponto de vista, o "povo da cidade" se preocupa em ser importante, trazendo consigo a premissa de utilidade: mas apesar de ser útil, substituível. Por outro lado, pessoas necessárias "fazem falta", "que precisam estar presentes, de quem se vai atrás". Desta maneira, Bispo foi "para a escola escriturada para ser necessário, não para ser importante" (BISPO, 2023, p. 25). Assim, encontra escolas destoantes daquelas que havia experienciado, "da inspiração" e "da brincadeira". Ele encontra, na cidade, a escola escriturada que acaba por considerar os mestres da oralidade do seu povo, não importantes, para eles (da cidade), ou mesmo, desnecessários. A oralidade para o seu povo é a principal forma de compartilhar as sabedorias milenares e ancestrais entre as gerações e assim o fazem para fortalecer as suas trajetórias de vida. "Na cidade grande, contudo, só tem valor o que vira mercadoria. Lá não se contam histórias, apenas se escreve: escrever histórias é uma profissão" (BISPO, 2023, p. 25).

De fato, ao realizar reflexão acerca do povo da cidade e seu modo de se organizar e viver, espera-se a etiqueta de valor mercadológico (e, portanto, sacralizado) de tudo e de todos: o seu tempo é precificado e este produto não tem troca ou ressarcimento. A lógica da utilidade é estampada em precisamente tudo ao redor e o conhecimento não poderia ser diferente. O conhecimento passa a ser mercadoria, passa a ter preço e assim só aqueles que detêm poderio econômico podem ter acesso a tal privilégio. A escola, desempenhando papel mantenedor deste status de poder através do conhecimento que na verdade, deveria ser oferecido a todos de forma a fortalecer nossa trajetória, deixa de lado muitos irmãos que padecem da exclusão econômico-social de maneira sistemática. A proposta é insubordinação. O conhecimento humano e histórico é patrimônio de todos e com todos deve ser partilhado.

Para o saber matemático não pode ser diferente: deveríamos nos reunir em volta da fogueira para com alegria contar as histórias do mundo assim como o povo do Nêgo Bispo. A matemática precisa ser rasgada do seu caráter elitista e ser compartilhada, pois é uma ciência necessária e não importante. Ela se faz necessária em todas as suas infindáveis maneiras de ser: a matemática das ruas, a matemática dos teoremas, das tecnologias, da arte, entre outras tantas.

"Macunaíma aproveitava a espera se aperfeiçoando nas duas línguas da terra, o brasileiro falado e o português escrito." (ANDRADE, 2022, p.158). Ele compreende que existe esta diferença entre a língua falada e escrita e as duas precisam permanecer vivas e sendo aperfeiçoadas. De forma similar é então a matemática. Pois estar viva significa estar pulsando no coração das pessoas e não trancadas a sete chaves em livros poeirentos de poucas estantes. A matemática precisa estar viva, pulsante, passando por todas as mãos, suja de terra, de suor e de lágrimas, uma matemática de todas as cores que subverte o poderio de valor alienante.

Para tanto, a matemática deve sair da armadilha do sagrado dicotômico, impessoal e excludente e ser ressacralizada em uma nova formatação enraizada da pluralidade de formas de ser, estar e se perceber no mundo. Sagradas não precisam ser as fundações do empreendimento colonialista (o mercado, o dinheiro, o poder), mas podem ser as coisas tangíveis, comunitárias, táteis, sensíveis: as árvores, os rios, as montanhas, os afetos, as histórias comuns, as formas de viver das comunidades, as danças. Isso, podemos aprender com Krenak:

> Quando nós falamos que o nosso rio é sagrado, as pessoas dizem: "Isso é algum folclore deles"; quando dizemos que a montanha está mostrando que vai chover e que esse dia vai ser um dia próspero, um dia bom, eles dizem: "Não, uma montanha não fala nada". Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos (KRENAK, 2019, p. 33).

Como isso pode se efetivar em práticas pedagógicas? O primeiro passo é a Matemática Escolar renunciar à posição de conforto de ser *o* critério privilegiado para definição das verdades sobre o mundo para ser uma das bases para construção de histórias compartilhadas das pessoas com e sobre o seu mundo. Não ser imposição, mas integração, já que a experiência complexa da vida impõe a multifatorialidade, a multiplicidade e a multidimensionalidade. Impõe também a transcendência das barreiras monolíticas (as disciplinas, os currículos, os tempos e espaços) para uma perspectiva de curiosidade, integração, compartilhamento, *transubstanciação*.

Herói que transcende, transforma se metamorfoseia. O encantador da narrativa de Macunaíma que não enxerga divisas ou limites, desorganiza a razão da verdade das coisas, recorta distâncias enormes trazendo elas bem de perto. Menino que se transforma em guaraná, mulher que vira estrela. O mundo em constante transmutação, um mundo circular em contínuo fluxo. Uma transfiguração entre mitos, credos e carne onde tudo passa a ser possível. A poesia incrustada em toda essa mistura que tropeça na vastidão da tropicalidade, se enrola e se enreda em uma poção mágica que contém muitos ingredientes de si mesmo, o Brasil. A metamorfose entre elementos naturais e orgânicos da obra de Mário de Andrade que não percebe distinção entre os componen-

tes do mundo: tudo é de uma matéria só e portanto há de se tornar possível transmutar. O mundo, a sociedade e suas organizações em constante movimento. Momento oportuno de reinventar-se. Momento oportuno para "pensamentear" (ANDRADE, 2022, p. 199), deixar os pensamentos fluírem livres tal qual movimento de uma serpente no fundo do mato-virgem, para assim tentar se reconectar com a terra. Restabelecer a singeleza e através da humildade, ouvir o que têm a ensinar, o povo que resiste na sua sabedoria ancestral. Compartilhar os saberes de forma pura e livre:

> Não faz diferença se a escola é pública ou privada. A diferença é se o conhecimento é público ou privado. As escolas públicas, privatizam o conhecimento. Qual é a função da Universidade se não é pegar o saber orgânico, distribuído gratuitamente e privatizar? E depois do conhecimento ser privatizado, não interessa se é da escola pública ou privada. Essa é a questão. Então pra nós não interessa escola pública ou privada. Interessa a escola própria. A palavra é outra. Nós queremos escola própria com a nossa trajetória dentro da escola. O resto? Pode tacar fogo! (BISPO, 2019)

A "escola própria" do Nêgo Bispo, traz essa concepção de pertencimento, de participação e de confluências, termo que evoca o encontro das águas, que remete à mistura de dois tornando-se um. Encontros que por vezes de direções opostas e caminhos diversos, mas conflui e torna-se mais.

Nesta colocação, o autor problematiza a questão da privatização do conhecimento: a escola tomando o legado de direito de todas as pessoas, transmutando em um produto precificado. O conhecimento percebido como moeda de troca, configurando-se assim como uma ferramenta para a manutenção de poder em uma sociedade desigual e segregadora. Então cabe à escola decidir seu caminho: manter o *status quo* ou quebrar os parâmetros daquilo que já está posto. Para enfim quebrar parâmetros, faz-se necessária a reinvenção de si, metamorfosear e se tornar borboleta para depois voltar à terra e viver de novo. Tornar a si, repensar os seus e reelaborar o corpo e sua alma. Mesclar seus saberes "sintéticos" (BISPO, 2023, p.43) com os saberes "orgânicos" (BISPO, 2023, p.43) dos povos originários. Para que assim, de verdade, o conhecimento seja de todos, para todos e com todos, sem limites de muros ou cifras.

Neste saber sintético, segundo Antônio Bispo dos Santos, o conhecimento é fruto da teoria. "O ser tem pouco valor no saber sintético, apesar de ser o criador do ter" (BISPO, 2018, s.p.), não acumula vivências, não envolve erros e tropeços, está estabelecido e pronto, enquanto o orgânico rege o contrário, um saber construído através das mãos calejadas. A humanidade acaba construindo para si um mundo sintético desconectado da natureza e pensa que a essa não pertence mais. Constrói paredes e máquinas, onde "a máquina era que matava os homens, porém os homens é que mandavam na Máquina..." (ANDRADE, 2022, p.78), uma contradição inadmissível e possivelmente sem volta. Faz-se urgente e necessário pisar no freio destas máquinas, respirar, colocar o pé na terra e repensar qual o verdadeiro propósito da escola: "a humanidade é contra o envolvimento, é contra vivermos envolvidos com as árvores, com a terra, com as matas. Desenvolvimento é sinônimo de desconectar, tirar do cosmo, quebrar a originalidade." (BISPO, 2023, p. 30)

É no encontro das águas, na transmutação dos saberes, "Eparrei Oyá! Bela Oyá! Com sua força ninguém pode nos parar!"[11] que pode ser cultivado um caminho mais belo, onde as fronteiras do

11 Trecho do Samba Enredo 2023 - As Borboletas Encantadas da Bela Oyá da escola Acadêmicos da Rocinha.

orgânico e do sintético, possam se tornar imperceptíveis. O chão da escola deve se tornar imenso, abrigando seres compartilhantes que dão as mãos para encontrar um futuro que abrace a todos.

Na cultura ancestral se pede licença para todos aqueles que já estiveram aqui. Demonstra-se respeito pelas sabedorias e pelos mestres do passado. A educação matemática ensaia passos em um caminho que já trilha sobre a perspectiva decolonial: a etnomatemática do professor Ubiratan e a teoria humanista de Carl Rogers. Inspirados e aprendendo com os povos originários, pedimos então licença e continuamos o caminho para compreender o que ainda é necessário pensar e onde é necessário agir para que a ciência matemática se torne um direito de todos.

Isto não significa renunciar aos conhecimentos matemáticos adquiridos, nem negar que muito que a matemática hegemônica produziu ajudou a gerar conforto para os humanos, a entender como a natureza funciona e a criar formas criativas e surpreendentes de modelar os fenômenos. A matemática é uma ferramenta fundamental no mundo. O que defendemos é uma *ressacralização*, uma nova ritualística da matemática no contexto escolar que a retire do panteão inacessível das coisas milagrosas e mágicas, sendo consequentemente, incompreensíveis, dogmáticas e hierarquizantes e ocupe um espaço popular, compartilhado, palpável. Que saia dos altares adorados dos santos e venha para as rodas dos terreiros, onde se canta, se bate palmas, se dança, se toca o tambor, se come, se beija, se sua, se vive. Quão bem nos faria se os deuses pudessem voltar a caminhar entre os homens?

4. Terreirização: terreno como espaço de passagem e não de dominação

Mantenhamos por um instante a analogia do terreiro, mas agora não como lugar sagrado, da celebração de diversos ritos de culturas sincréticas amalgamadas pela força colonial e que se erigiram pela resistência. Para nós, terreiro é o lugar fora da casa onde se festeja. Nesta metáfora, terreiro pode ser varanda, quintal, laje, praça, pátio, *playground*, corredor... Terreiro é mais que um lugar, é uma *perspectiva* de encontro, já que o que o define não é a sua existência física, mas a possibilidade social em que ele se transforma.

O terreiro está sempre em transformação. De dia, pode ser onde as pessoas se encontram para processar mandioca e fazer farinha; onde as roupas secam no varal; onde as crianças brincam de adedanha, amarelinha, pique, golzinho; onde cães e gatos passam vadios e lentos escapando do sol; pode ser um lugar que nada ocorra e o silêncio das vozes humanas seja preenchido pelo vento sacudindo as árvores. Já de noite, pode ser o lugar que se aquece em volta de uma fogueira; onde se joga capoeira ou dança carimbó; onde os casais se sentam comendo beiju[12] e fazendo juras de amor sob as estrelas; onde se põe a rede para dormir no sereno que é mais fresco. Veja, ao longo do tempo, um mesmo terreiro pode ser todas essas coisas, uma mistura delas ou nenhuma. Mas o que o terreiro não é? Um lugar indiferente, asséptico, sem vida. Um terreiro é um espaço de afeto, de construção de histórias compartilhadas, de encontro. O terreiro é o lugar de fora, a rua, a encruzilhada, o mundo. Mesmo sendo "dentro de um lote", um terreiro é um espaço de interseção em que "os de dentro" podem ser vistos ou ver "os de fora", chamar para prosear, fofocar, viver. É um lugar de florescimento:

12 O beiju é uma iguaria tipicamente brasileira, de origem indígena e feita com a tapioca (fécula extraída da mandioca, usualmente granulada), que ao ser espalhada em uma chapa ou frigideira aquecida coagula-se e vira um tipo de panqueca ou crepe seco

> Qual é a parte mais necessária de uma casa de quilombo? É o quintal. Na verdade, a cozinha é necessária também, todo mundo chega pela cozinha. Mas o quintal é essencial porque é onde as crianças aprendem a fazer de tudo. É também onde guardamos espaço para construir a casa de quem vai nascer, as casas das próximas gerações. [...]
>
> Se o quintal é essencial no quilombo, qual é a parte mais necessária de uma casa na favela? É a laje. A primeira laje é para o primeiro filho ou primeira filha que se casa, e a segunda laje é para fazer as festas (BISPO, 2023, p. 59-60).

A sala de aula tradicional, industrial, hegemônica, verticalizada, hierarquizada e sacralizada é o oposto disso. Passemos do terreiro, este lugar em eterna transmutação e vamos, por exemplo, para uma sala de aula de cálculo 1: os livros, com sorte, foram escritos há décadas; os corpos dos alunos são disciplinados, sentados, submissos; o professor fala e fala e fala e preenche quadros e quadros com *a matéria*; os estudantes copiam; talvez haja chamada, talvez não; três vezes por semestre, o silêncio é ainda maior, quando a voz do professor se silencia e ele passa a observar entediado todos aqueles alunos, todos na mesma posição, fazendo a mesma coisa num silêncio desumano: é hora de testar. Nem tudo é igual. Os alunos, paulatinamente, rareiam, ainda mais se o professor "não cobra" a chamada. Ou porque se entediam tanto de ver tudo sempre igual ou porque desistem, não se adaptam, não cabem. Os que sobram, ao final deste longo, intrincado e impetuoso processo de tortura coletiva, estão preparados para a repetição. Ou da mesma *matéria*, em caso de serem reprovados, ou em dezenas de outras sempre iguais, iguais, iguais. Assim são as disciplinas de matemática nas universidades. Não é de se surpreender que, formados desta forma (ou dessa fôrma), muitos professores de matemática almejem repetir isto em seus espaços de trabalho: *passar* o conteúdo, manter a turma *disciplinada*, defender até as últimas consequências a *reprovação* dos que se rebelam, dos que questionam, dos que perguntam para quê aquela fórmula serve. Tais professores se enxergam como *livros-falantes:*

> O que é o livro-falante? É o professor que acha que tem que falar, naquele período oficial do curso, as coisas que estão em algum livro. E escrevem tudo na lousa para não parecer tão bisonho apenas ficar lá, parado, falando sem parar. Pior: muitos Macunaímas copiam o que já está impresso em algum lugar. Mas sabem que se tirar o livro do livro, já era (LINS, 2011, p. 326).

Eis o anti-terreiro. Eis o terreno.

O terreno é antagonista do terreiro. Tem lei, tem regra, tem hora, tem dono, tem preço, tem vigia, tem escritura passada e assinada em três vias com firma reconhecida, tem porta, tem tranca, tem cerca, tem limite, tem uso, tem muro, tem cachorro bravo, tem rei: é meu e dos meus. Um terreiro é um lugar para ficar à vontade. Um terreno é lugar de seguir as etiquetas. Um terreiro tem improviso, vaquinha, divisão de tarefas. Terreiro tem prazer. Terreno tem status. Terreiro tem batuque. Terreno tem silêncio ou, às vezes, música ambiente. Terreiro pulsa. Terreno oprime. Terreno é indústria, é monocultura, é soja. O terreiro é o mato. É *o mato virgem.*

Macunaíma encontra no fundo da floresta velhos companheiros encantantes, seres que rastejam, sugam, expelem, compartilham e até mesmo salvam sua vida. Em uma incorporação quase visceral, não se reconhecem os limites entre corpos onde uma dança dissonante parece guiar a narrativa de integração entre o herói e todas as coisas da natureza. Uma mística mistura entre os céus

e a terra que enlaça Macunaíma e o obriga a persistir pé sobre pé na sua missão. Sem os bichos da floresta, a grande magia estaria fadada a escassas páginas sem direito à piedade ao protagonista. "Um rato na mata é um compartilhante" (BISPO, 2023, p. 37). Por mais que o homem insista em desfazê-la, insista em se apartar, a terra quer, a terra cobra aos seus filhos o resultado da ingratidão.

A terreirização da escola é uma forma de reaver essa conexão vital, sentir a vida, ouvir os seres, ser um ser compartilhante. Compreender que não podemos estar sozinhos. Abrir as janelas, sentir o sol e a brisa. Sentir que os limites de muros e paredes não podem ser cárceres da alma. Um grande pecado desperdiçar muitos anos de juventudes atadas às cadeiras uniformes organizadas em posições de simetria contadas à base do lucro. Nossas escolas há muito espelham esta realidade triste e alienada de uma sociedade que se enxerga onipotente, desprezando e desperdiçando o diálogo que pode aproximar-nos das coisas do mundo e até mesmo salvar o mundo de nós. Como lutar contra isso? Como fazer diferente? Acreditamos que tem a ver com contar histórias, adiar o fim, indefinidamente, em consonância com Krenak: "E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim" (2019, p. 19).

Em uma lógica de mercado e produtividade precisamos compreender que não é necessário "ter planejamento, só confluências" (BISPO, 2023, p. 37), colocar o pé no chão e trocar energias para recarregar. Expirar e se inspirar no que se tem ao alcance da palma das mãos. Mergulhar na brasilidade e na tropicalidade de um país colorido pelo sol. Assim, transpirar criatividade para experienciar e descobrir o mundo novamente.

A decolonialidade pode ser uma lente para a refundação da escola e da formação a partir do questionamento das premissas desses territórios. O que deve ser a escola: um terreno dentro de uma comunidade onde se propaga uma certa *cultura letrada*, como um *vírus* que inocula e seleciona corpos e mentes docilizados por meio da repetição industrial de modelos e premissas até sua assimilação como natural ou um espaço de encontro e permanente reconstrução em que a comunidade interna (estudantes, professores, funcionários) e externa (famílias, pequenos comércios, a comunidade em geral) tenham seus saberes e sabores criados, compartilhados e apreciados?

> "O poder requer corpos tristes. O poder necessita de tristeza porque consegue dominá-la. A alegria, portanto, é resistência, porque ela não se rende. Alegria como potência de vida, nos leva a lugares onde a tristeza nunca nos levaria" (DELEUZE, 2017, p. 23).

Isto necessita que a escola não seja o lugar de excluir, reprovar, selecionar, imitar, copiar, mas de transcender, apoiar, semear, cuidar, regar. Não deve ser de controle e imposição de matérias, horários, currículos, saberes, mas de adaptação, escuta, improviso, drible, ginga, exercício do descontrole que é a vida. Não selecionar os melhores, os capazes, os iluminados, mas tomar como premissa que ninguém vai ficar para trás. Não um lugar para sentar-se nas carteiras, olhando para frente, seguindo uma apresentação de slides, mas de sentar-se no chão em roda e compartilhar histórias, olhando ao redor.

Veremos a paixão reacender nos olhos dos nossos alunos quando estiver aí refletidas as tradições familiares e histórias de mundo que povoam os espaços domésticos e que nos fazem ter reconhecimento e pertencimento e não a tradição hegemônica e genealógica de saberes sistema-

tizados e organizados em uma lógica que não dialoga. A paixão que fará a escola, como um espaço público *nosso* e não um lugar sem dono. A terreirização é, assim, uma proposta de experimento de pertencimento e intimidade, a fim de fazer com que a poeira do chão seja temperada com palmas e cantigas. Isso pressupõe valorizar a ancestralidade acima da autoridade, a fala acima do escrito, os compromissos firmados acima dos contratos assinados.

Como isso funciona na prática? Perdendo a ilusão do controle, vivificando os espaços despovoados, criando camadas de afetos nos detalhes amorosos, tornando a escola um lugar de cuidado e afeição, valorizando o prazer acima do ego. Nisso, a matemática escolar tem muita transformação a fazer, já que sua estrutura curricular é baseada na acumulação sistemática de conteúdos. Sua pedagogia é baseada no medo: de tirar nota baixa, de julgamento, de reprovação. Sua formação pressupõe a seleção *ad eternum* daqueles que são aptos a lecionar este conhecimento. Seu status enquanto disciplina escolar é o de privilégio. Sua metodologia é a de homogeneizar, em vez de diversificar, o que também pressupõe que a avaliação ocorra com o mesmo instrumento, ao mesmo tempo.

Quão diferente seria a matemática do terreiro? Seria uma matemática em que uns aprendem com os outros, que todo mundo tem algo fascinante para ensinar. Uma matemática em que os alunos não precisam perguntar "para quê isso serve", mas que criem saberes e significados sociais a partir de seus lugares no mundo. Não seria mais uma matemática *do livro-falante*, mas da história compartilhada no tempo e no espaço. Afinal de contas, o terreiro não é lugar de passagem, mas lugar de ser e estar.

Talvez assim o terreiro não tenha mais a dimensão de medo, sobrenatural, estranho, coalhado de preconceitos. Que as figuras desses espaços não sejam mais retratadas como "uma negra velha com um século de sofrimento, javevó e galguincha[13]", mas com o respeito devido aos que são as santas referências que nos constituem. Isto implica entender a ritualística dos espaços e adentrar nos desconhecidos. Significa abrir-se à experiência com o outro.

> Todos estavam inquietos ardentes desejando que um santo viesse na macumba naquela noite. Fazia já tempo que nenhum não via por mais que os outros pedissem. Porque a macumba de Tia Ciata não era que nem essas macumbas falsas não, em que sempre o pai de terreiro fingia ser Xangô Oxóssi qualquer, para contentar os macumbeiros. Era uma macumba séria e quando o santo aparecia, aparecia de deveras, sem nenhuma falsidade. Tia Ciata não permitia dessas desmoralizações no zungu dela (ANDRADE, 2022, p. 111).

Uma matemática terreirizada é espaço para os corpos que se movem, para a escuta, para a dança, para o canto, para a surpresa, para o inesperado. É um espaço de acolhimento e envolvimento. É um espaço de mudança radical de estatuto e que exige a construção de uma nova pedagogia, uma pedagogia de diversidade, heterogeneidade, afeto, sonho.

13 Mário de Andrade assim descreve a Tia Ciata, a grande matriarca do samba e uma das figuras negras mais importantes do início do século XX. Neste capítulo, Macunaíma visita o terreiro de Tia Ciata no Rio de Janeiro e se encontra com várias personalidades, como o presidente Wenceslau Brás. Infelizmente, o capítulo é repleto de preconceitos, associando Exu ao satanismo, expondo uma visão estereotipada e superficial dos cultos de matriz africana.

5. Confluências

Não por acaso, as palavras escolhidas para este artigo - *sagrado* e *terreno* - podem ser interpretadas como antagônicas. Apolo e Dionísio, virtude e prazer. Acima argumentamos contra a dicotomia. Permaneçamos assim mas, antes, outra canção:

> Atenção ao dobrar uma esquina. Uma alegria, atenção, menina. Você vem, quantos anos você tem? Atenção, precisa ter olhos firmes, pra este sol, para esta escuridão. Atenção, tudo é perigoso, tudo é divino, maravilhoso! Atenção para o refrão, uau! É preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte!
>
> Atenção para a estrofe e pro refrão, pro palavrão, para a palavra de ordem! Atenção para o samba exaltação. Atenção: Tudo é perigoso, tudo é divino, maravilhoso! Atenção para o refrão, uau! É preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte! (VELOSO; GIL, 1968).

A suposta objetividade acadêmica coaduna-se com uma visão do mundo que separa as realidades em recipientes estanques para que, assim, possa analisá-las. Isso supõe separar corpo e mente, trabalho e espírito. Mais do que isso, propõe que a mente, o mundo das ideias, é uma instância superior à realidade corpórea, mundana, tátil. Para quem enxerga o mundo assim, em unidades, indivíduos, tubos de ensaio, é inconcebível uma realidade que não possa ser submetida à teoria. Desenvolver a ciência é, nesta analogia, refinar a teoria para que ela cada vez mais se aproxime da realidade observada.

A questão é que a realidade é complexa demais para ser entendida em termos de interação entre subjetividades modeláveis. A lógica não é a razão de todas as decisões e o acaso, a paixão, o encontro e a construção de uma nova história são elementos complexos demais para serem compreendidos pela objetividade. Em suma, *tudo é divino e maravilhoso*, porque a existência é em si um milagre. A Matemática está no mundo, mas ela é incapaz de abarcar a complexidade do mundo. Isso não é apenas uma questão de uma melhor modelagem, ou de mais poder computacional. É uma questão de impossibilidade. Nunca se cobrirão todas as frestas. Sempre haverá um canto, um pandeiro, uma mão e uma letra para que os ecos da ancestralidade tenham lugar à mesa.

Nós autores abrimos um leque de perguntas sem respostas fáceis. Sabemos que a versão romantizada, ou melhor, *literalizada* que apresentamos da matemática hegemônica neste artigo é, com muita generosidade, uma hipérbole[14]. Todavia, precisamos lembrar que a hegemonia cultural se constitui a partir de imagética, mitificação e consequente metaforização que se tornam filtros para mediar a nossa interpretação da realidade. As provocações que trazemos têm como intuito enxergamos juntos as muralhas invisíveis que protegem a matemática hegemônica, permitindo que outras maneiras de matematizar o mundo possam emergir. Este artigo, portanto, não é um ponto de partida, mas uma pausa de reflexão que nós nos permitimos antes de seguirmos.

Há muito a ser feito. A literatura não foi compreendida neste artigo como um mero acessório estilístico, mas sobretudo como um método para questionarmos enquanto dialogamos. A literatura é o centro pulsante a partir do qual enxergamos o processo de ler e construir os entretextos com as

14 Na língua portuguesa, a Hipérbole ou Auxese é uma figura de linguagem, mais precisamente uma figura de pensamento, a qual indica o exagero intencional do enunciador.

referências acadêmicas. Muito nos entristeceria, enquanto autores, se nossa postura fosse enxergada por você que nos lê como arrogante. Nosso intuito é justamente o oposto. A verdade que escondemos em nosso íntimo só se torna evidente quando nos vulnerabilizamos ao nível de dizermos aquilo que nos fragiliza. Quando propomos um questionamento dos fundamentos da matemática hegemônica, fazendo isso por meio de um artigo que se afasta também fundamentalmente das formas, linguagens e pressupostos da academia, abraçando a literatura (na figura de Macunaíma como símbolo) fazemos isso por nenhuma outra coisa que não seja por paixão, pura, encantadora, necessária e simples. Na paixão, estamos sempre incompletos, por isso, nos botamos em movimento, sem respostas definitivas. Este artigo é um não é um fim, mas uma ideia em movimento.

É hora de ouvir "o sussurrar de dor no canto do Brasil" (DUARTE & PINHEIRO, 1976) e que as histórias de lutas *das três raças* sejam uma celebração da persistência de modos de vida diversos contra o autoritarismo colonial que impõe categorias para ser e estar no mundo. A decolonialidade não é uma lente teórica para entender o mundo, mas uma forma de resistência que permite *existir* no mundo. Portanto, a diversidade de cosmovisões, línguas, rituais e espaços de encontro e contemplação é uma riqueza, que não deve ser entendida em termos de apropriação e acumulação monetária, mas de compartilhamento. É preciso sacralizar o que não tem preço e não precificar o que é sagrado para que possamos superar a crise ecocida que vivemos.

> Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos (KRENAK, 2019, p. 33).

Isso pressupõe uma atitude de permanente alerta. Entender que se as práticas culturais de margem, em particular a africana e indígena no Brasil, sobreviveram e sobrevivem, foi devido à abnegação e resistência ancestral que ocorreram em muitos níveis, por centenas de anos e mesmo assim, a postura genocida da colonialidade silenciou para sempre inumeráveis vozes de variadas culturas. Muito foi perdido e muito é reconstruído diuturnamente nos ecos dessas resistências.

Isso não significa que devemos ter um olhar lamentoso e triste. Não há tempo para isso. Estar *atento e forte* é uma postura de confronto, não de conformismo. Ter a coragem de propor outra maneira de ensinar matemática, formar professores que ensinem pela paixão e pelo encontro e não pelo silenciamento e pelo medo, que aprendam a atuar de maneira transdisciplinar, que se atentem para o papel de formação política tanto quanto científica dos nossos alunos, que tenham prazer de serem professores e desempenhar este papel social. Que não tenham medo de serem vistos como vulneráveis, mas tenham o desprendimento de sentir, duvidar, repensar, aprender e que no nosso fim redentor, possamos olhar as estrelas e tocá-las, sagradas sendo nossas fontes de contar histórias. Que seja um fim belo e esperançoso como as últimas palavras de Macunaíma:

> Então Pauí-Pódole teve dó de Macunaíma. Fez uma feitiçaria. Agarrou três pauzinhos jogou pro alto fez em encruzilhada e virou Macunaíma com todo o estenderete dele, galo galinha gaiola revólver relógio, numa constelação nova. É a constelação da Ursa Maior.

> Dizem que um professor naturalmente alemão andou falando por aí por causa da perna só da Ursa Maior que ela é o Saci...
>
> Não é não! Saci inda para neste mundo espalhando fogueira e trançando crina de bagual... a Ursa Maior é Macunaíma. É mesmo o herói capenga que de tanto penar na terra sem saúde e com muita saúva, se aborreceu de tudo, foi-se embora e banza solitário no campo vasto do céu (ANDRADE, 2022, p. 303).

6. Referências

ALENCAR, J. **Iracema**. São Paulo: Hedra, 2006.

ALVES, A. R. C. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. **Lua Nova:** Revista de Cultura e Política, p. 71-96, 2010.

ANDRADE, M. **Paulicéia Desvairada**. Jandira/SP: Editora Principis, 2019.

ANDRADE, M. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Ilustrações de Camille Sproesser. Rio de Janeiro: Editora Antofágica, 2022.

BACHELARD, G. Tradução Estela dos Santos. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

CAMARGO, O. **Negro drama**: ao redor da cor duvidosa de Mário de Andrade. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

COUTO, J. G; CARVALHO, M. C**. Vida do escritor foi um "vulcão de complicações"**. Folha de São Paulo, São Paulo, 25 de setembro de 1993. Almanaque. Disponível em <http://almanaque.folha.uol.com.br/semana3.htm>. Acesso em 17 jan. 2024.

BENJAMIN, W. **O capitalismo como religião**. Boitempo Editorial, 2015.

BISPO, A. S. **A terra dá, a terra quer**/Antônio Bispo dos Santos; imagens de Santídio Pereira. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112 p.

DELEUZE, G. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. Ed. 34, 2017.

DIOP, C. A. **The African Origin of Civilization:** myth and reality. Trad. e org. Mercer Cook. Westport: Laurence, 1974

DUARTE, M.; PINHEIRO, P. C. **Canto das três raças**. Interpretação de Clara Nunes. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1976. Disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=dcVKb2ht6BE&si=3bGoJMiU73k-ZZIs1>. Acesso em 17 jan. 2024.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

LINS, R. **Ensaio sobre como Macunaíma me ajudou a falar sobre Educação Matemática.** Boletim de Educação Matemática, v. 25, n. 41, p. 319-329, 2011.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MCCLINTOCK, A. **Couro imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas, Editora da Unicamp, 2010.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais-projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2022.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia grega, ou helenismo e pessimismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In. LANDER, E.(org.). **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura, p. 43-66, 2005.

ROQUE, T. **História da matemática**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2012.

UNIperiferias. **Significações da periferia: representações, confluências e transgressões**. Rio de Janeiro: UNIperiferias. YouTube, 25 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RiKAU5oGgRE>. Acesso em: 16 de jan de 2024.

VELOSO, C.; GIL, G. **Divino, maravilhoso**. Interpretação de Gal Costa. São Paulo: Phonogram/Philips, 1968. Disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=Emu4JrrfpM0&sq=1&si=_Pzk1XUUtiNhvtTi>. Acesso em 22 jan. 2024.

Histórico Editorial
Recebido em 15/02/2024.
Aceito em 01/08/2024.
Publicado em 09/10/2024.

Como citar – ABNT
SILVA, Ulisses Dias da; SILVA, Samantha Floriano. No Fundo do Mato-Virgem: Macunaíma como uma metáfora por uma educação matemática decolonial. **REVEMOP**, Ouro Preto/MG, Brasil, v. 6, e2024018, 2024. https://doi.org/10.33532/revemop.e2024018

Como citar – APA
Silva, U. D. da., & Silva, S. F. (2024). No Fundo do Mato-Virgem: Macunaíma como uma metáfora por uma educação matemática decolonial. *REVEMOP*, *6*, e2024018. https://doi.org/10.33532/revemop.e2024018